

O que se diz, como se escuta e a ilusão do encontro de sentido

Sueli Souza dos Santos¹

RESUMO

Este escrito é fruto de discussões desenvolvidas em grupos de estudos sobre linguística e suas fronteiras com a psicanálise. Tomando o aforisma lacaniano segundo o qual o inconsciente se estrutura como uma linguagem, o presente artigo aponta para os atravessamentos dos processos de construção de subjetivação como efeito de linguagem, tratando dos equívocos que resultam na quebra do espelhamento entre o eu (*a*) e o Outro. Apresenta-se como material empírico o recorte do áudio de um diálogo entre um bebê e sua mãe: o bebê aprende a rezar repetindo o que a mãe lhe ensina sobre a oração ave-maria. O recorte revela as dificuldades associadas ao desencontro entre o que se diz e como se escuta nas primeiras experiências de linguagem do *infans* junto ao Outro. Conclui-se que, do ponto de vista das formações do inconsciente como efeito de linguagem, esta é marcada pela não-coincidência do dizer, posto que as palavras são incertas, porosas, e que o desejo do Outro está sempre à deriva, inapreensível.

Palavras-chave: Linguagem. Outro. Inconsciente. Desejo.

1 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA/Serra, Mestre em Psicologia Social pela UFRGS, Doutora em Educação pela UFRGS e Coordenadora de Seminários e Grupos de Estudos em Freud e Lacan. Contato: suelisantos-s@hotmail.com.

1 AS PALAVRAS NÃO SÃO QUAISQUER

Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado.
(LACAN, *Os escritos técnicos de Freud*, 1979)

O título que norteia o presente trabalho é baseado no ensino de Freud e de Lacan. Tomo de Freud referências apresentadas nos estudos *A interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), entre outros. Em Lacan, busco ancoragem em: *As formações do inconsciente* (1957-1958) e *De um Outro ao outro* (1968-1969). Quanto aos estudos de linguística, recorro a Saussure, com o *Curso de linguística geral* (1916); Jacqueline Authier-Revuz, com *Palavras incertas* (1998); Michel Pêcheux, com *Semântica e discurso* (1997); e Julia Kristeva, com *Sentido e contrassenso da revolta* (2000).

Buscar esses mestres na fronteira entre os estudos da linguagem e a psicanálise não é tarefa simples. O tornar-se analista requer uma plasticidade de referências teóricas, exige que se beba em muitas fontes de conhecimento, além de requisitar, é claro, um longo percurso na investigação pelo “jardim de veredas que se bifurcam”, lembrando o conto de Jorge Luis Borges (1995), que introduzo aqui no sentido da aventura de desbravar nosso próprio inconsciente – em suas artimanhas e seus labirintos – por meio da linguagem e do tempo, em sua dimensão atemporal e inexorável.

Parafraseando Freud, que nos inquieta com seu inconsciente, aponto que ele, o inconsciente, tem sua própria temporalidade alógica e impossível de dizer de si. Por essas peculiaridades, Freud afirmava a existência de três tarefas, ou profissões, impossíveis: educar, governar e analisar. Acredito que a impossibilidade dessas tarefas possa ser atribuída às suas implicações com a travessia pelo solo de areias movedi-

ças da linguagem. Não importa se temos que atravessar uma duna ou um deserto: as areias da linguagem estão sempre em movimento — no solo, redesenhando sua configuração e sua coloração, mas também ao vento, no ar, no trânsito de seu deslocamento. Somos sempre afetados por seu chicotear, tocados por elas, tendo que nos proteger de seus efeitos na própria pele. Com o inconsciente, nossa experiência seria diferente?

A frágil barreira imaginária que marca os limites entre linguagem e inconsciente não coloca essas duas instâncias do saber em oposição, tampouco as iguala. É pelo que falha, pelo que escapa ou se equivoca na linguagem, assim como nos sonhos, nos chistes, que o recalque, o interdito pelo traumático, se presentifica.

Dizendo de outra forma, é pelo que manca sempre na linguagem que acessamos as inscrições do inconsciente, que se esgueiram em conteúdos manifestos como disfarces e restos de palavras. O dito, resto significante, se apresenta como aquilo que é possível dizer, um disfarce do interdito, de palavras amordaçadas no dizer.

Por que sempre via linguagem? Porque os sintomas de sofrimentos psíquicos, físicos ou somáticos, nos diferentes quadros estruturais que constituem o psiquismo, se fazem presentes por meio da linguagem. É preciso que se fale sobre isso. Quando nos faltam as palavras, o corpo fala. Pelo que diz e pelo que falha em dizer, apreendemos os efeitos do sofrimento e do prazer psíquico. É preciso falar sobre os sintomas físicos, sobre as angústias e sobre os sonhos, em suas variações de angústia ou satisfação, como denúncia do recalco ou como realização de desejo. Qual desejo? Quem sabe sonhemos para que possamos falar, de alguma maneira, sobre os obscuros e incompreensíveis objetos de desejo que supomos demandas do Outro.

Pensar sobre o aforisma lacaniano “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” requer entender essa formulação como um pequeno enigma. Aqui não é afirmado que o inconsciente é uma estrutura. A afirmação diz que o inconsciente *é estruturado como*, ou seja, se

apresenta dentro de um sistema de redes, de cruzamento de sentidos. O que emerge dessas tramas de presença e ausência, de oposições e sobreposições, são efeitos significantes.

Em outros termos, a partir de tramas tecidas pela linguagem, vão se produzindo deslizamentos de sentido em que uma palavra, uma expressão, ou então um gesto de interpretação sobre o que se diz e como se escuta, cria efeitos e ilusão de sentidos — ou pior, ilusão de entendimento. No caso da ilusão de entendimento, se inviabiliza o fluxo da produção de sentidos, posto que o entendimento funcionaria como uma captura, uma prótese, um sentido falsamente comum a todos os falantes, obstruindo outras possibilidades de interpretação.

A produção de efeitos de sentido instrumentalizados pelos laços e desenlaces, entre deslocamentos e condensações, para citar Freud (1900) em *A interpretação dos sonhos*, cria as condições de possibilidade para o deslizamento de sentidos. Dando alguma passagem ao recalçamento, possibilita dizermos o que nos afeta. Faz-se, assim, a passagem à produção simbólica, plasticidade ao enodamento imaginário.

No entanto, entre o dito e o dizer, há a impossibilidade do encontro entre um significante e sua correspondência à uma palavra definitiva no que tange as produções do inconsciente. Essa impossibilidade, seguindo à Freud, resulta nos efeitos de deslocamentos e condensações, numa sobreposição de retalhos, fragmentos de imagens, como escape do recalçamento. O dito é produção do sujeito dividido, sujeito assujeitado ao inconsciente, sujeito repositório de significantes. O dizer é efeito do imaginário do acesso à palavra ao acaso, encontrada a caminho da coisa a ser dita. Não há possibilidade de correspondência entre as palavras e as coisas.

Tomemos o sonho como exemplo. Ao contar um sonho, o sonhador constrói uma narrativa sobre impressões que o acometem no período do sono, ancorado por eventos de restos diurnos. Tais impressões remetem a fragmentos alucinatórios. Produzem efeito do já vivido ou fantasias projetadas em um futuro. Por vezes, essas *imagens*

imaginadas pelo sonhador se apresentam com tal intensidade que o fazem acordar ou, como efeito do recalque, esquecer imediatamente o sonho, ou ainda expressar afetos de ter “um sonho bom” ou um “sonho ruim”, ou um pesadelo.

No entanto, sua narrativa diz sempre *como se, parecido com, era assim*; como num conto: *era uma vez, no tempo em que os bichos falavam*. Há um detalhe que lembra alguma imagem de outro momento do passado ou projeta eventos futuros. Por outro lado, é pela impossibilidade de encontrar o sentido único da palavra, na fala e pela linguagem, que acessamos as possibilidades simbólicas. A partir desse furo, dessa ausência de um único sentido, do que falha na linguagem e pela linguagem, construímos as condições de possibilidade de seguir produzindo novos e infinitos sentidos.

O dito sobre o sonho é o trabalho do inconsciente que abre passagem na formulação do *dizer*, na narrativa que dá sentido ao *labirinto de veredas que se bifurcam*, nas condições da decifração do sonho. Há uma deriva na temporalidade em que o sonhador conta e é contado. O contar, ou seja, *o dizer*, pavimenta novas trilhas para seguir revisitando inscrições que insistem em desvelar as tramas e angústias do que foi vivido, dando continuidade à busca por ressignificar as dores psíquicas.

Por vezes, revelam-se novos mitos de um tempo em que não havia palavras por dizer, mas apenas inscrições pulsionais de percepções que, por serem ligadas ao período tenro do *infans*, ganham imagens caleidoscópicas de algo que se diz: *é parecido com... É como se fosse... Parece que já vivi isso...* Trata-se de um estranho familiar, ou do infamiliar.

No seminário *De um Outro ao outro*, Lacan (1968-1969) nos ensina que é na trama da cadeia significante entre a metonímia e a metáfora, em suas alternâncias de enlaces e desenlaces, que criamos sentidos imaginários languageiros. Efeitos de apreensão simbólicos que imediatamente se precipitam no nada que seja possível ao acesso do real da língua.

No falso e efêmero sentido do encontro, a ilusão de sentido do encontro. Adia-se sempre para a próxima tentativa o encontro de uma palavra mais justa, palavra sempre em transformação, como em uma anamorfose da imagem projetada, em desalinho, como se pudéssemos enxergar os sentidos das palavras quando precisamos gesticular ao falar, ou ao contar um sonho. No entanto, como nos ensina Freud (1900, p. 362), “as palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predestinadas à ambiguidade”. Dizendo de outra forma, uma palavra repetida à exaustão cria outros sentidos.

A ambiguidade, necessariamente, não se apresenta apenas como sentido antitético de palavras, a exemplo do que ocorre em algumas línguas antigas. Ela está associada a variações de sentido geradas pela entonação dada a uma palavra, que, no contexto de um acontecimento prazeroso ou de desprazer, produz novos sentidos. Pensemos em uma situação do cotidiano em que um valor é atribuído a uma força de expressão, ou em um juízo de valor. Por exemplo, a palavra “capaz”, dependendo de seu uso, pode significar admiração: “Fulano ganhou uma menção honrosa por seu trabalho”, ao que outra pessoa responde admirada “Capaz! Bem merecido”. Em outros contextos, a palavra “capaz” pode implicar censura ou descrédito: “Fulano espera ganhar um prêmio por seu trabalho”, ao que outra pessoa responde “Bem capaz! Não se enxerga mesmo”.

Os afetos que interferem no sentido que damos às palavras podem derivar em múltiplas possibilidades de interpretação, posto que entra em cena a relação com o Outro, lugar significante privilegiado, lugar que demanda uma resposta, sempre em dissonância, na deriva das fantasias de encontro com nossos objetos imaginários. O que o Outro quer de mim? Lacan remete essa questão ao *O diabo enamorado*, de Cazotte (1992): *Che vuoi?*

Mais uma vez, a pergunta insiste: que quer o Outro de mim? O que suas palavras querem que eu responda? Como corresponder à sua

demanda? Qual é a palavra certa a responder? No pacto de realização do desejo do Outro, no que me transformo? Aceitar a palavra do Outro como um mandato, ou pela sedução de corresponder ao encontro com o *Ideal de eu*, compromete essa palavra em suas consequências de espelhamento imaginário que se quebra. Não há possibilidade de realização de encontro, rompendo em definitivo com o ideal; finalmente, se marca a alteridade.

As palavras não são quaisquer. O desejo do Outro revela a impossibilidade de encontrar a palavra justa que corresponda a essa demanda imaginária. Ou seja, marca uma falta constitutiva, falha que se instala na assimetria entre o que o sujeito demanda ao Outro e o que demanda o Outro do sujeito. Dizendo de outra forma, inscreve uma impossibilidade de encontro. Marca da castração, que a todos nos toca viver.

Com esse entendimento, apontamos que a castração se apresenta como inscrição na própria linguagem; não há correspondência entre as palavras e as coisas do mundo, posto que a nomeação do mundo é sempre balizada ou forjada na nomeação de algo desde um outro lugar, projetado imaginariamente como demanda do Ideal.

O mundo é nomeado e antecipado em seus sentidos na transição entre as palavras e as coisas. Ou seja, os objetos apresentados por aqueles que introduzem a criança na linguagem desempenham esse papel na dimensão do equívoco. Por que na dimensão do equívoco? Porque o *infans*, ou seja, aquele que não tem palavras, tenta corresponder ao que supõe ou tenta supor o que o Outro lhe demanda como resposta verbal ou de comportamento, via intensidades de afetos.

Quando alguém apresenta um chocalho a um bebê, por exemplo, o interesse desse bebê não está ligado ao objeto em si que lhe é apresentado: o que lhe interessa é relativo ao que deve mostrar de interesse pelo objeto que lhe é oferecido pelo Outro. O bebê se questiona o que interessa a esse adulto que lhe mostra um objeto. É a cor, o som que produz, o movimento? O que deve olhar? O que deve descobrir para

que o Outro mostre sua aprovação? Tomando outro aforisma laciano, “o desejo é o desejo do Outro”. Esse é o ponto. O que quer o Outro de mim para que eu tenha seu olhar, seu amor?

O objeto material em si só interessa ao sujeito na medida em que o coloca na dimensão de corresponder ao desejo de um Outro, na ilusão de completude. Nessa medida, a pulsão invocante como demanda de um desejo e a pulsão escópica como investimento do olhar amoroso e de aceitação são duas instâncias pulsionais que se inscrevem quando a precariedade do *infans* está à deriva na alienação do objeto causa de desejo.

Alienado em suas impossibilidades identificatórias, na ausência das palavras por dizer, o sujeito inscreve sua angústia no corpo, única forma de estar suportado pelo Outro em sua fragilidade constitutiva e prematura. Trata-se de uma solução de compromisso entre os afetos e os sintomas que os sustentam na ambiguidade de impressões, de intensidades pulsionais. A pulsão invocante — ou seja, as marcas via pulsão da voz — invoca experiências que, em sua inscrição, marcam de forma prazerosa, desprazerosa ou traumática. Assim, o encontro com o objeto se torna um desencontro, uma incerteza que deixa sem resposta o que falta no dizer.

2 O QUE SE DIZ, COMO SE ESCUTA: LALANGUE E O DESEJO DO OUTRO

[...] o amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda... mais... ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor.

(Jacques Lacan, Mais, ainda)

O que se diz, ou seja, a enunciação, não corresponde de forma direta àquilo que se escuta. Aquilo que um Outro demanda é atravessado por uma suposição de entendimento puramente imaginária.

Procuro aqui me socorrer da teoria de Lacan no ponto em que ele nos ensina que o sujeito é efeito de linguagem — sujeito dividido, clivado pelo inconsciente. Não há transparência no dizer, o que resulta no fato de que um enunciado é irrepresentável tanto pelo inconsciente quanto pelo interdiscurso. Entre um eu (*moi*) enquanto instância imaginária e um Outro, há uma opacidade de sentidos.

A instância do *imaginário*, em Lacan, aponta o trabalho da sua função de desconhecimento, sendo transformada em uma operação de bloqueio, uma falha da enunciação. Em outras palavras, e tomando como referência o esquema L de Lacan, o sujeito enquanto *moi*, ou seja, um eu imaginário, procura anular a divisão que afeta o *je*, que é marcado como sujeito barrado (). No imaginário, há uma recusa da alienação entre o eu e o objeto causa de desejo ($a - a'$).

Recuperamos aqui Roudinesco (1972, p. 4), que nos diz:

[...] não há para o sujeito da experiência freudiana nem avesso nem direito, mas um percurso (esquemático pela banda de Möbius) — e o inconsciente, segundo uma bela expressão de Lacan, é um “não-eu” (“*pas-je*”), não negação do sujeito, mas sua causa, de onde se põe a questão de sua existência.

Essa afirmação nos remete ao texto de Kojève (1979) em que ele pontua que o ser do homem implica e pressupõe o Desejo como sentimento de si. O Desejo inquieta e impulsiona o homem à ação. Sendo assim, a ação transforma o objeto desejado. O eu do Desejo é um vazio, ou seja, o eu que deseja um objeto não sabe da impossibilidade do encontro, posto que só recebe do Outro um conteúdo real pela ação negadora. Ou seja, na nomeação dos objetos, não são os objetos em si que se nomeiam. Dizendo de outro modo, a ação negadora que satisfaz o desejo o faz destruindo, transformando e assimilando o não-eu desejado, como um espelhamento do eu, constituído pela negação.

A introdução no mundo da linguagem, desvela esse lugar de tentativa de transformação e de assimilação do objeto desejado, imaginário, pelo não-eu. Estão em jogo os sentidos ou a falta de sentido das palavras em relação às coisas nomeadas pelas palavras. A tentativa de incorporar o objeto de desejo, pela repetição linguageira, a falha constitutiva do eu (moi), procura incorporar um não-eu na ilusão do encontro com o objeto (*a*). Ensina Kojève que a esse eu natural – enquanto função do objeto natural – podemos nomear “objeto causa de desejo”.

A partir da transcrição de um áudio que apresento aqui, podemos fazer um pequeno exercício sobre os equívocos que se produzem entre *o que se diz e como se escuta*, para retomar nosso título. Esse material exemplifica os primórdios das tentativas linguageiras de um bebê. A partir dele, questiono: será que as distorções, as não-coincidências do dizer e o não-entendimento entre as palavras e as coisas que tentamos nomear não nos acompanham ao longo da vida? As condições de entendimento, atravessadas pelos afetos relativos à construção da *lalangue*, são passíveis de correspondência absoluta?

A *lalangue* diz respeito à *lalação*, ou seja, à forma como um bebê escuta a fala da mãe. Trata-se dos sons, incompreensíveis, que chegam ao bebê como imagens acústicas de nomeação das coisas do mundo. Podemos pensar na *lalangue* como a forma que se apresenta na fala, como uma língua onomatopaica, inscrita pela pulsão invocante. É o apelo, a demanda da mãe pela nomeação das coisas do mundo que se apresenta ao bebê.

Os sons, as palavras emitidas pelo bebê, não são arbitrários, mas buscam corresponder à demanda do Outro, que se revela objeto causa de desejo. Os sons das palavras não dependem de significação, mas são consequência, na linguagem, da tentativa de corresponder à demanda do objeto causa de desejo, entendido como a mãe que demanda palavras ao bebê.

A situação do diálogo que se apresenta no *corpus* exposto no Quadro 1, a seguir, é a seguinte: uma pessoa adulta, que poderia ser

a mãe de um bebê que está começando a repetir frases, ou a construir frases, parece querer ensinar uma reza, a ave-maria, quem sabe para oferecer proteção ao bebê na hora de dormir; o bebê, por seu lado, repete o que a mãe recita e interroga aquilo que estranha no que acredita escutar.

Quadro 1 – Diálogo entre mãe e bebê

	Mãe ensinando a rezar na hora de dormir	Bebê repetindo o que supõe escutar
(1)	O senhor é convosco	...selhô covosco
(2)	Bendita sois vós	Bendita sua voz
(3)	Entre as mulheres	Entas mulélis
(4)	Bendito é o fruto	Bendito... O que é um fluto?
(5)	O fruto é o que dá na árvore, é a fruta	???
(6)	Bendito é o fruto	Bendito... É é de cumê é... maçã?
(7)	É, é maçã... [risos] Bendito é o fruto	Bendito é o... E é melaçã e é pela... E é tudo cumê?
(8)	É, é tudo de comer... [risos] Do vosso ventre	É fluto...
(9)	Do vosso ventre	Do vosso vлenti...
(10)	Jesus	Jesus
(11)	Santa Maria	Santa... O que é Santamalia?
(12)	É a mãe de Jesus... Santa Maria, mãe de Deus	Santamalia... mãe...
(13)	Santa Maria, mãe de Deus	Santamalia... e mãe de Deus
(14)	Rogai por nós [bocejo]	Rogai tu nós...
(15)	Pecadores	Pecadolis
(16)	Agora e na hora	De domi
(17)	[risos] De nossa morte, amém	De nossa mode amém

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2023).

Como num jogo de espelho (*a -a'*), o bebê tenta repetir para a mãe, um Outro, o que lhe é demandado dizer. Repetir uma oração não é da ordem da necessidade do bebê. Ele repete palavras que supõe

ser as que a mãe espera dele. Repete para ela, por ela, mas estranha. Procura repetir a seu modo como escuta aquelas ladainhas. Estranha alguns sons. Por vezes, a mãe ri do que ele diz. Como o riso é interpretado por ele? Significa que ela o aprova, que gosta dele? Ele corresponde à demanda da mãe?

Como não existem dois ditos que sejam iguais, a produção do discurso da mãe, *lalangue*, é incompatível com qualquer possibilidade de reprodução. Do ponto de vista laciano, o discurso é semblante, um artifício, uma tentativa de espelhamento do discurso materno. *Lalangue* enquanto língua da fantasia, da magia das histórias contadas na hora de dormir. Língua também das crianças quando tentam acessar o interesse do Outro sobre si, ou dos amantes ao repetir a tentativa infantil da sedução, um artifício do encontro faltoso com o real. A palavra fora da significação, fora da linguagem estruturada.

Tomando o desejo como desejo de (outro) desejo, para que haja um eu enquanto consciência de si, pode-se entender, a partir do Quadro 1, que o desejo se apoia em um objeto não-natural. Ou seja, ele ultrapassa a realidade dada, a repetição da oração ave-maria e sua função protetora do sono do bebê.

As repetições apresentadas no quadro apontam para um fazer. O bebê repete as palavras como acredita que soem, numa tentativa de espelhar um saber-dizer, saber-fazer, no aguardo do triunfo de um encontro com o Outro, buscando corresponder ao seu desejo. No entanto, ele também se mostra em sua divisão com o Outro, interrogando: “O que é um fluto?” (4). O que é isso que precisa entender sobre o que repete? A resposta do Outro revela o sem sentido de uma relação unívoca entre as palavras e as coisas.

Ou seja, o *fruto do vosso ventre*, que o bebê estranha e já questiona, revela mais do que uma incompreensão sobre as palavras e as coisas (“o fluto do vosso vleniti”). Não há, na resposta da mãe, encontro possível de umnexo causal. Tampouco a mãe parece saber o que diz.

Então, por que repete essa oração que não faz sentido para ela, considerando sua resposta à interrogação do bebê? As palavras são incertas, para usar uma expressão de Authier-Revuz (1998).

Tomo aqui quatro elementos importantes para entender, segundo essa autora, as não-coincidências do dizer e sua representação meta-enunciativa. Retomando o *corpus* apresentado no Quadro 1, podemos fazer um exercício esclarecedor, uma reflexão sobre a enunciação. Podemos entender que há uma forma de dizer que não é coincidente com o dizer. Seguindo a autora, aponto a seguir, brevemente, o que ela assinala.

2.1 A NÃO-COINCIDÊNCIA INTERLOCUTIVA

“Tomando como referência a concepção pós-freudiana do *sujeito*, o inconsciente é irreduzível entre dois *sujeitos*, há uma impossibilidade de produção do ‘um’ entre os enunciadore” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22). Ou seja, uma maneira de dizer ou um sentido é impossível de ser partilhado. Dizendo de outra forma, no Quadro 1, há que levar em consideração o não-um; as palavras que uma pessoa diz não são as palavras do outro (ver excertos 4, 5, 6, 7 e 8). O *fruto de vosso ventre*, enquanto expressão metafórica do que se produz no ventre da mãe, não é o mesmo que a fruta. Mas como explicar a diferença a um bebê? Será que a mãe sabe explicar o que quer dizer essa frase? Repetir uma ladainha tem que propósito na hora de dormir?

A mãe diz qualquer coisa (ver excerto 5). Parece que seu intuito é finalizar a questão e a reza. Afinal, o bebê não entenderia o sentido metafórico do *fruto do vosso ventre*. Então, por que repetir essas palavras sem sentido? O bebê parece associar a explicação da mãe ao seu repertório de palavras, organizando sua “chave de associações”: “E é de cumê é... maçã?” (6); “E é melaça e é pela... E é tudo cumê?” (7).

2.2 A NÃO-COINCIDÊNCIA DO DISCURSO CONSIGO MESMO

A mãe segue concordando com qualquer coisa que o bebê encontre no repertório já assimilado em seu vocabulário. Vejamos: “É, é maçã... [risos] Bendito é o fruto” (7); “É, é tudo de comer... [risos] Do vosso ventre” (8). Nesse sem sentido, ou falta de sentido, algumas interrogações postas pelo bebê desvelam as dificuldades relativas à intenção materna: de um lado, há o gesto da mãe de ensinar uma oração religiosa evocando a mãe de... Deus? Jesus? (ver excerto 12); de outro, sua própria compreensão das palavras repetidas na oração.

Quando o bebê interroga “O que é Santamalia?” (11), a mãe responde prontamente: “É a mãe de Jesus... Santa Maria... mãe de Deus” (12), e segue sua reza. Com isso, ela introduz outro elemento, uma mudança incompreensível: trata-se da mãe de Jesus ou da mãe de Deus? Na sequência, o bebê não repete a fala da mãe, talvez por não conseguir saber o que ela espera que ele repita: mãe de Jesus ou mãe de Deus? Mas, ao final, que sentido ou falta de sentido há em tentar ensinar uma oração religiosa para um bebê se iniciando na fala? O que significam essas palavras?

Acreditando ensinar aos bebês elementos culturais do mundo dos adultos, como proteção espiritual, orações rituais, valores morais, introduzimos nossas crenças, ideologias, preconceitos. Será? Repetimos o que nos ensinaram a repetir? Que sentido se apresenta nesse gesto de repetição materna? A repetição seria o sentido da função materna das inscrições da cultura transgeracional? A mãe repete sua mãe?

Será que o mesmo se aplica à nomeação de hábitos alimentares e costumes, ou seja, comportamentos sociais aceitáveis ou não aceitáveis? Como ter certeza de que nossas palavras são a tradução exata das normas adequadas ao laço social? Introduzimos em nosso discurso um sentido sem sentido para a incipiente lógica do *infans*. Então, por que falamos como se fosse possível que aquilo que dizemos, ou “ensinamos”, seja entendido em sua extensão e seus princípios?

2.3 A NÃO-COINCIDÊNCIA ENTRE AS PALAVRAS E AS COISAS

Em seu livro *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*, Authier-Revuz (1998, p. 23) nos esclarece sua dupla perspectiva:

A não-coincidência entre as palavras e as coisas é colocada como constitutiva, na dupla perspectiva, de um lado, da oposição reconhecida pela linguística entre “o quadriculado de distinção” da língua — sistema acabado de unidades discretas — e o contínuo, as infinitas singularidades do real a nomear, que inscreve um “jogo” inevitável na nomeação, e, de outro lado, em termos lacanianos, do real como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica.

É preciso desfazer os equívocos. Há um abismo que distancia as condições de conhecimento, a lógica das formas de linguagem, o que justifica a tênue realidade psíquica que se constrói em trânsito entre as instâncias do imaginário e do simbólico, em total dissonância com o acesso ao objeto real — entre a palavra do Outro e o desejo do Outro.

O que o Outro quer de mim? Esse Outro, sua fala, seu olhar — enquanto objeto causa de desejo —, no psiquismo em constituição, se mostra como o evanescente objeto *a*: espelhado como objeto causa de desejo, sempre alhures, como uma miragem, sempre se perdendo onde pensamos encontrá-lo. Assim, por equívocos, o psiquismo vai buscando no Outro uma referência a que se identificar, um Ideal a ser acessado, em que se supõe que nada falte. No entanto, o real é radicalmente heterogêneo à ordem simbólica. O que é constitutivo no sujeito é o que falta, a captura do objeto pela letra, nos diz Authier-Revuz (1998), e isso desemboca na perda inerente à linguagem.

2.4 A NÃO-COINCIDÊNCIA DAS PALAVRAS CONSIGO MESMAS

Vejam os Quadros 2, que apresentam um recorte do Quadro 1.

Quadro 2 – Diálogo entre mãe e bebê

	Mãe ensinando a rezar na hora de dormir	Bebê repetindo o que supõe escutar
(11)	Santa Maria	Santa... O que é Santamalia?
(12)	É a mãe de Jesus... Santa Maria... mãe de Deus	Santamalia... mãe...
(13)	Santa Maria, mãe de Deus	Santamalia... e mãe de Deus

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2023).

Observemos então, nesse recorte, outra não-coincidência. Aqui tomamos o recurso lúdico, ou acidental, pela percepção do equívoco do dizer. Assim, na fala da mãe, “Santa Maria” vira “Santamalia”. E o que é “Santamalia”? O bebê escuta essa palavra como uma palavra outra, nova. Ela é percebida não como um nome composto, ou como a designação de Maria, mas como uma nova unidade, o que Lacan nos apresenta como *lalangue*: uma língua como a construção de uma nova palavra feita de unidades distintas. Desse modo se constroem as palavras que se aglutinam em uma homonímia.

Muitas vezes, encontramos na prática psicanalítica a condensação de sons e/ou imagens. Para além de um recurso lúdico, ela surge como defesa ou fruto da ação do recalque, como no esquecimento ou troca de nomes observado por Freud (1901) em *Psicopatologia da vida cotidiana*. Isso também aparece, nos alerta Authier-Revuz (1998), nos estudos dos anagramas de Saussure.

As palavras são carregadas de possibilidades de combinação, incorporação, divisão. Essa é uma porosidade decorrente das condições históricas de produção dos discursos. As palavras são caleidoscópicas, ensina Authier-Revuz (1998), posto que permitem transmutações im-

previsíveis, como aponta nosso recorte com a condensação “Santa-malia”. O que se ouve é atravessado pelo desejo de corresponder ao desejo do Outro, de reproduzir as palavras da mãe. As palavras não são faladas por si, mas pelo Outro, para o Outro, na negativa do não-um.

3 UM OBSCURO OBJETO DE DESEJO NAS DERIVAS DA LINGUAGEM

Partindo do aforisma lacaniano “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, o presente artigo tentou levantar alguns pontos de intersecção nos atravessamentos dos processos de construção da subjetivação como efeito de linguagem. A psicanálise, como lembra Roudinesco (1972), não tem a linguagem como objeto, mas como um dispositivo que nos permite cercar seu objeto, ou seja, o objeto de desejo.

É pela escuta de um inconsciente-linguagem que acessamos as possibilidades de reconhecimento de um discurso em suas construções intersubjetivas, na sua busca de desejo de reconhecimento. Por meio de um exercício de análise de discurso, se revelaram as dificuldades associadas ao desencontro entre o que se diz e como se escuta nas primeiras experiências de linguagem do *infans* junto ao Outro. Os equívocos resultam na quebra do espelhamento entre o eu (*a*) e o Outro.

O que nos constitui como humanos se ancora, desde os primeiros gestos de linguagem, no olhar de um Outro, na suposição do desejo de um Outro desejo. No desejo de reconhecimento. Tomando nosso recorte de análise, podemos pensar em uma dupla luta por reconhecimento. De um lado, a mãe tenta, em uma função que talvez suponha materna, ensinar uma oração a seu filho, pedindo que a mãe de Jesus o proteja. Considerando que não consegue responder aos questionamentos sobre os elementos da oração que o bebê estranha, parece que a mãe não entende muito o sentido das metáforas que recita. Quem sabe também haja nesse gesto uma transmissão geracional. Ela passa adiante, sem questionamento, sua história familiar, seus valores e sua cultura.

Do lado do bebê, há tentativas de corresponder ao desejo de fusão com as demandas do objeto de desejo, a mãe. Ele reproduz o que pensa escutar dessas demandas; esforça-se para, atentamente, repetir o que ouve, e desenvolve suas chaves de leitura sobre os novos sentidos que lhe são apresentados. Observa e escuta os risos da mãe entre as intervenções e os questionamentos sobre “o fruto” de “vosso ventre”. Seguindo a ideia de que esse fruto é uma fruta, mostra seu repertório de frutas, provavelmente aprendido na hora de comer. Na alienação do encantamento do olhar de reconhecimento da mãe, quando esta boceja no meio da oração e em seguida recita “agora e na hora”, o bebê completa a frase com o que também deve ter aprendido: “na hora de dormir”. Quem sabe possamos pensar que, independentemente do lugar que ocupemos na relação com um outro, o Outro é sempre um âmbito de desejo equivocado e narcísico de completude e de reconhecimento.

Conclui-se que, do ponto de vista das formações do inconsciente como efeito de linguagem, esta é marcada pela não-coincidência do dizer, posto que as palavras são incertas, porosas, e que o desejo do Outro está sempre à deriva, inapreensível, numa busca — sem fim — de desejo de nunca acabar.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BORGES, J. L. El jardín de senderos que se bifurcan. In: BORGES, J. L. **Libro de bolsillo**. Barcelona: Alianza Editorial, 1995. p. 101-116.

CAZOTTE, J. **O diabo enamorado**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FREUD, S. (1900). Interpretação de sonhos (segunda parte). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 361-665. (Edição standard brasileira, 5).

FREUD, S. (1901). A psicopatologia da vida cotidiana. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-340. (Edição standard brasileira, 6).

FREUD, S. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-273. (Edição standard brasileira, 8).

KOJÈVE, A. **Introduction à le lecture de Hegel**. Paris: Gallimard, 1979.

KRISTEVA, J. **Sentido e contrassenso da revolta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (Poderes e limites da psicanálise, 1).

LACAN, J. (1952). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 496-533.

LACAN, J. (1953-1954). **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, J. (1968-1969). **O seminário, livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. (1972-1973). **O seminário, livro 20**: mais, ainda. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

ROUDINESCO, E. (1972). A ação de uma metáfora: observações sobre a teoria do significante em Jacques Lacan. **Psipolis**: Diário de Bordas, Campinas, 14. mar. 2022. Disponível em: <https://www2.iel.unicamp.br/psipolis/wp-content/uploads/2022/03/A-acao-de-uma-metafora.-Por-Elisabeth-Roudinesco.-Traducao-Thales-de-Medeiros-Ribeiro-.pdf>. Acesso em: 14. out. 2023.

SAUSSURE, F. (1916). **Curso de linguística geral**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

Qué se dice, cómo se escucha y la ilusión de encontrar significado

RESUMEN

Este escrito es el resultado de discusiones desarrollado en estúdios grupales sobre la lingüística y sus fronteras con el psicoanálisis. Tomando el aforismo lacaniano de que el inconsciente se estructura como un lenguaje, este artículo presenta a los cruces de los procesos de construcción y subjetivación como efecto del lenguaje. Señala los errores que resultan en la ruptura del reflejo, entre el yo y el Otro. Como material empírico, presento un recorte de audio sobre el diálogo entre un bebé que aprende a rezar, repitiendo lo que la madre le enseña sobre la oración Ave María. El recorte revela las dificultades entre lo que se dice y como se escucha en las primeras experiencias de lenguaje entre el *infans* y el Otro. Se concluye que, desde el punto de vista de las formaciones del inconsciente, como efecto del lenguaje, se caracteriza por la no coincidencia del decir, porque las palabras son inciertas, porosas y que el deseo del Otro es siempre a la deriva, escurridizo.

Palabras-clave: Lenguaje. Otro. Inconsciente. Deseo.

Recebido em 02/07/2023

Aceito em 14/09/2023